



Do Morro Para o Asfalto: Uma Análise do Funk no Jornalismo Online¹

Cinthia Ferreira de SOUZA²
Cristina Oliveira dos SANTOS³

Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, ES

RESUMO

Tendo sua origem vinculada ao subúrbio carioca, o funk que hoje se conhece é muito mais do que um ritmo que estampa as páginas dos noticiários de forma negativa e duvidosa. Ele já não pertence às favelas cariocas. Em todos os tipos de festas, de qualquer lugar do país, de todas as classes sociais, o funk está presente. Ele conseguiu conquistar o seu espaço, mas ainda é visto como algo perigoso que precisa ser contido. A partir dessas observações o trabalho presente analisou as matérias no jornalismo online sobre os acontecimentos relacionados ao funk em diversos sites noticiosos e constatou no discurso jornalístico a contribuição da mídia para glamourizar e demonizar do ritmo, ou seja, ela oscila em suas perspectivas de como tratá-lo frente aos interesses sociais e econômicos vigentes e ao que tange seus próprios interesses em relação à audiência, ética e afins.

PALAVRAS-CHAVE: funk, preconceito, mídia e jornalismo online, comunicação e culturas urbanas.

INTRODUÇÃO

Embora o preconceito, a trajetória do funk não está apenas marcada pelo estigma. Se, por um lado, são constantes, até hoje, as campanhas na mídia a favor da interdição das atividades dos jovens funkeiros (manifestações socioculturais conceituadas como pretexto para a desordem urbana, a exploração do erotismo de menores e a guerra entre galeras ligadas ao tráfico de drogas e aos comandos organizados), por outro lado, a mesma mídia que condena o funk lhe oferece visibilidade, pavimentando o caminho para que o gênero musical se popularize e conquiste um lugar no mercado.

Baseado na hipótese da agenda-setting, na qual a mídia “seleciona” os assuntos que serão pensados e discutidos pela sociedade e público, em geral, pode-se dizer que o funk sempre está em pauta. As manifestações dos funkeiros e sua difusão nas redes midiáticas têm resultado não só em um processo de criminalização dos agentes e grupos

¹Trabalho apresentado no DT 1 – Jornalismo do XVI Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste, realizado de 12 a 14 de maio de 2011.

² Graduada em Jornalismo e Mestre em Psicologia pela UFES, email: cinthiaferreira.souza@yahoo.com.br

³ Recém graduada em Comunicação Social/ Jornalismo da UFES, email: cris.ufes@gmail.com



envolvidos em tais atos, mas também na institucionalização de um lócus no qual se expressariam diferenças capazes de configurar novos territórios e espaços sociais.

Deste modo, os sentidos veiculados nos meios de comunicação de massa têm, não só reforçado e legitimado um quadro autoritário marcado pela exclusão social desse grupo juvenil, mas também delineado novas possibilidades de identificações e de construção de subjetividades, corroborando para a instauração de novas formas de solidariedade social e novas relações de poder. (HERSCHMANN⁴)

Diferentemente do que acontece em países com uma tradição democrática mais consolidada, no Brasil, o reconhecimento cada vez mais constante das inúmeras diferenças sociais, quando não retifica privilégios, está submetido a uma lógica de discriminações e preconceito que não aponta na direção da negociação e da justiça como balizadoras da estrutura social. Esta conflituosidade que é, em geral, avaliada a partir de análises indiferenciadas, hoje alimentadas pela proliferação de dados sobre crimes ou pela abundância estatística que baliza as projeções tão caras aos órgãos de segurança pública e que vai terminar por associar invariavelmente a "violência" à pobreza e à criminalidade, temas constantemente explorados pelos meios de comunicação.

As representações da violência longe de aparecer apenas como evidência de dissidência ou de "caos" social passa a ser vista no cenário intelectual, cada vez mais como tendo um papel constitutivo, capaz de fecundar novas expressões do social, ela abre a possibilidade de construção de novos sentidos capazes de alterar nosso ponto de vista ou mesmo "visão de mundo". E se apresenta cada vez menos passível de avaliações apenas reguladoras e/ou moralizantes. (HERSCHMANN⁵)

Micael Herschmann, no artigo *As imagens do funk na imprensa* diz que os conflitos e interesses diferenciados constituídos pela violência na dinâmica cultural do mundo contemporâneo, por vezes, emergem na forma de manifestações socioculturais que encontram no consumo, na produção cultural e na afirmação de "estilos de vida" uma

⁴ Disponível em: http://www.mirelaberger.com.br/mirela/download/funk_e_midia2.pdf

⁵ Disponível em: http://www.mirelaberger.com.br/mirela/download/funk_e_midia2.pdf



importante forma de articulação, negociação de sentidos e significados. Assim sendo, a violência é tanto um recurso de expressão quanto uma estratégia de obtenção de visibilidade.

A mídia, em meio à experiência mediática, à imagem fragilizada do Estado e de suas representações políticas, se apresenta como um espaço fundamental de "negociação", já que mesmo com sua limitação e formato, ela não só constitui o espaço de exibição e produção desta "realidade violenta" de grande impacto sobre nosso imaginário, como permite que a violência exibida nos meios de comunicação de massa. Por sua enorme capacidade de mobilização, abre a possibilidade do reconhecimento de novos sentidos, de diferenças e até alteridades.

Um exemplo claro disso são os arrastões de outubro de 1992 e 1993, no Rio de Janeiro. O artigo *Culturas Urbanas* (SOUZA, 2006⁶) diz que o funk conseguiu repercussão nacional devido aos arrastões na praia de Ipanema, em 1992. Tais episódios foram diretamente associados aos frequentadores de bailes funk jovens, negros ou pardos, pobres e moradores da favela -, que logo seriam demonizados na imprensa como representantes da violência e do perigo. O percurso rumo à visibilidade não se deu por meio de letras ou artistas, mas a partir da associação do funk com a violência, reafirmando uma generalização que delimita características e o raio de atuação de uma expressão cultural.

Para Hermano Vianna, autor do livro *O mundo funk carioca*, o procedimento da imprensa se explica porque o desconhecido, mesmo estando próximo, gera uma insegurança. Até então existia uma familiaridade com o funk, o que facilitou a sua demonização, que se apresenta como o caminho mais fácil do que considerar o desconhecido como exótico. Este processo de estigmatização/criminalização, segundo o autor, agrava-se à medida que o fenômeno "exótico", por assim dizer, vai se "familiarizando", isto é, conforme vai expandindo suas fronteiras sociais e vai constituindo um segmento importante de mercado”.

⁶ Disponível em: http://www.cult.ufba.br/enecul2006/gustavo_souza.pdf.



O grau de exotismo de um fenômeno social é uma função quase direta da possibilidade de vê-lo transformado em estereótipo por grupos para os quais esse fenômeno é considerado exótico (VIANNA, 2005 p.185⁷). Demonizar o exótico é uma maneira fácil de explicar a situação e ainda identificar os culpados. Demonizar nada mais é do que lançar um estigma que, por sua vez, nos dá a segurança de sabermos quem são os agentes da violência urbana, instaurando o medo e a desconfiança perante o inimigo que agora é identificável (cf. SOARES, BILL, & ATHAYDE, 2005). O estigma, portanto, nos diz que diante de um jovem negro e pardo é preciso ter cuidado, pois certamente ele é mais um que promove a baderna, a violência e a ameaça à ordem por onde passa.

Ao representar uma "ameaça à ordem", os grupos de funkeiros tendem também a ser qualificados como mais um tipo de gangue juvenil urbana. Não se pretende afirmar que os funkeiros não sejam violentos, mas repensar de que forma suas falas e atitudes se diferenciam daquelas produzidas por outros jovens aparentemente mais "integrados na estrutura social", ao ponto de a opinião pública (carioca) inseri-los na galeria dos principais "inimigos públicos" da cidade (HERSCHMANN). Mesmo reconhecendo que essas galeras funk eventualmente cometem pequenos delitos ao sabor das oportunidades, alguns pesquisadores que vêm trabalhando com criminalidade e violência, como, por exemplo, Alba Zaluar, a qual se opõe à ideia defendida com grande frequência pelos meios de comunicação de massa. A autora não só defende que as galeras não são gangues como afirma também que tal tipo de organização social inexistente no país:

No Brasil, as quadrilhas tampouco têm a sua vinculação com a cultura jovem notada em outras partes do mundo, especialmente nos Estados Unidos e no México. Não há adesão especial a um estilo musical ou de vestimenta, ou do modo de pentear-se. Seus nomes não são metafóricos que simbolizem sua identidade de marginalizados ou desviantes da sociedade como nas gangues norte-americanas ou nas bandas da Cidade do México. Os nomes das quadrilhas aqui são referentes ao espaço geográfico ocupado e controlado pela quadrilha no exercício de sua atividade comercial ou recebem apenas o nome de seus chefes. (ZALUAR, 1994)

⁷ Disponível em: www.cult.ufba.br/enecul2006/gustavo_souza.pdf



Presentes ou não no país o fato é que inúmeros grupos, dentre eles os de funkeiros, têm sido rotulados como gangues, como são noticiados em várias manchetes de jornais e TV. Micael Herschmann afirma que o funk, na medida em que alcançou destaque inusitado no "cenário" mediático, foi imediatamente identificado como uma atividade criminosa, uma "atividade de gangue" que teve nos arrastões e na "biografia suspeita" dos seus integrantes a "contraprova" que confirmaria este tipo de acusação.

Mesmo que se levem em conta os conflitos e os delitos produzidos efetivamente pelas galeras funk, seja em maior ou em menor intensidade, e até a necessidade de cada grupo de se identificar com "protetores locais" do crime organizado, poder-se-ia afirmar que os cenários de representação da violência urbana se encontram associados de forma reducionista a esse grupo social. Os seus integrantes são personagens típicos das áreas carentes da cidade, espaços que compõem o cenário tradicionalmente identificado à criminalidade e à violência e, sendo assim, é muito comum que a mídia acabe produzindo uma imagem monolítica desse cenário, no qual todos os personagens aparecem mais ou menos envolvidos com a criminalidade. É preciso repensar: o que se combate todos os dias, o funk ou o segmento social que toma forma de expressão social dos segmentos menos privilegiados da população?

Qualquer estudo que se proponha a analisar os processos de criminalização e de popularização do funk e, indiretamente, do hip-hop, se deparará com um acontecimento crucial: os arrastões e tumultos de outubro de 1992 no Rio de Janeiro. Esses arrastões tornaram-se uma espécie de marco no imaginário coletivo da história recente do funk e da vida social da cidade, fortemente identificada com conflitos urbanos onipresentes. O incidente foi noticiado historicamente pelos jornais e telejornais nacionais e internacionais, como se fosse um distúrbio de grandes proporções que colocava em xeque a "ordem urbana". De fato, as rápidas imagens televisivas mostrando crianças e adolescentes brigando em bandos, correndo desarvoradamente pela praia e dependurando-se em janelas de ônibus superlotados apresentaram esta manifestação cultural à classe média, mas também geraram um forte temor por parte deste segmento social e do Estado. Na realidade, pesquisadores, alguns transeuntes que testemunharam o ocorrido (dentre os quais me incluo) e até agentes de segurança pública indagam-se se aquilo que assistiram no Arpoador, naquele dia 18 de outubro, foi mesmo um arrastão. Isto é, alguns se perguntam: sendo aquela uma das praias preferidas pelos funkeiros, aquilo não só parecia não ter acontecido ali pela primeira vez, como também constituía uma tentativa frustrada das galeras de diferentes morros cariocas, dentre eles os funkeiros, de encenar o "ritual de



embate" que esses jovens inventaram nas pistas de dança dos inúmeros bailes realizados semanalmente no Rio. (HERSCHMANN⁸)

Apoiando-se frequentemente em dados estatísticos, "evidências", o enunciado jornalístico pretende dar conta do "real" em sua totalidade. Como observa Nelson Traquina, "o aparato jornalístico, com suas sucursais e especialistas, visa acima de tudo impor ordem no espaço e no tempo." Assim, em função dessa disposição em dar conta do tempo e do espaço, pode-se afirmar que há uma espécie de ubiquidade, "onipotência" que regula o funcionamento dos rituais discursivos jornalísticos.

A mídia problematiza até certo nível e aponta as "causas" de fenômenos sociais dessa natureza, mas o que fica na cabeça da população é a espetacularização, o "encantamento" de práticas e discursos, produzindo um clima de pânico e histeria. Fechar bailes funk, estigmatizar o ritmo como sendo parte do crime organizado, culpar os funkeiros pelo caos social e perturbação da ordem pública, sem dúvida, é mais cômodo do que cobrar do Estado e da sociedade medidas sociais e econômicas que poderiam trazer benefícios para a vida dos moradores das zonas periféricas do país.

METODOLOGIA

Este artigo é baseado no trabalho de conclusão de curso de Jornalismo, intitulado "Um estudo sobre a representação social do funk no jornalismo online", no período de 2009 a 2010, onde foram analisadas matérias veiculadas em jornais online, blogs e outros sites de notícias.

O Funk na Web

As principais características do ciberjornalismo – instantaneidade, perenidade, customização do conteúdo, multimídia, interatividade e hipertextualidade - contribuem para que as notícias sejam transmitidas, por diversas vezes, sem o mesmo rigor de apuração e veracidade que teria uma mídia tradicional, fazendo com que sejam relatadas de forma superficial ou, por vezes, duvidosas.

⁸ Disponível em: http://www.mirelaberger.com.br/mirela/download/funk_e_midia2.pdf



O jornalista de um jornal convencional busca a informação através de fatos, verdades, acontecimentos e entrevistas, e no jornalismo online, como os jornalistas estão descobrindo as notícias? Para Puccini, os jornalistas online não estão cumprindo com a natureza do jornalismo. Ela diz:

Então percebe-se que na base de todo o trabalho jornalístico está a apuração de informações que trata-se exatamente do cerne do trabalho de reportagem e sobre o qual se assenta toda a formação e prática jornalística. E é exatamente a partir daí que de forma mais contundente o jornalismo online parece não cumprir com a natureza do jornalismo. (PUCCINI⁹)

Quando se fala em jornalismo online logo somos remetidos a pensar nas notícias chegando em tempo real, alguns jornais estão trabalhando desta forma, as notícias estão chegando com 10 a 15 minutos de intervalo. Para que isto esteja acontecendo, as redações estão fazendo parcerias com outras redações e garantindo assim a instantaneidade da notícia, ou ainda, estão “chupando” informações de outras redações, o que talvez não garanta a natureza da informação. Quando se trata da natureza da informação Bianco diz:

O ambiente da internet acrescenta à percepção dos jornalistas também a noção de liberdade de ação sobre a informação. Quando os despachos das agências aparecem na rede é como se fosse produto de livre circulação, qualquer um pode ter acesso. E quem os utiliza, apropria-se desses textos como sendo seu e não de outro. Segue assim um dos valores culturais da Internet: o que está na rede não é de ninguém. (BIANCO, 2004)

⁹ Disponível em: <http://bocc.ubi.pt/pag/puccinin-fabiana-jornalismo-online-pratica-profissional.html>



Diante disso, nem sempre a notícia chega aos moldes do jornalismo ideal que preza pela qualidade e veracidade dos fatos. Um dos exemplos são os temas relacionados ao funk. Pela percepção feita ao longo do estudo desse artigo, foi possível perceber que a maioria das notícias relacionadas a esse estilo musical está alocada em cinco categorias: violência, mercadológica, diversão (classe média), preconceito e erotismo. Abaixo, uma breve exposição de alguns fragmentos de textos de diversos veículos que foram selecionados para mostrar como o ritmo é tratado pelos meios de comunicação online, sendo de empresas tradicionais ou por blogs “amadores”.

Por meio dos fragmentos de notícias citados abaixo e relacionados com o estudo do tema proposto, é possível observar as formas de abordagem das matérias que tratam sobre o funk, como no aspecto:

Da violência: o funk é apresentado como principal causador de toda briga, morte, acidentes, tráfico de drogas, marginalidade existentes nos morros e em seus bailes. Ao dizer que “fulano” morreu durante briga no baile funk ou que foi morto enquanto saía para o baile, quase de forma instantânea a notícia remete ao leitor que o baile é um lugar destinado a pratica de violência e, logo, não é um lugar que um jovem deva frequentar. Na opinião pública, funk e drogas estão intimamente ligados e matérias que insistem em relacionar os dois pontos só contribuem para a afirmação dessa mentalidade.

Policia! é atacado por participantes de baile funk na Cidade de Deus
Um policial da Unidade de Polí!ia Pacificadora da Cidade de Deus foi espancado, no sá!bado (26), dentro da comunidade. Segundo testemunhas, o PM foi agredido por um grupo que participava de um baile funk, na localidade do Karatê. O tumulto começou quando três policiais da Unidade Pacificadora prenderam uma pessoa com drogas, na localidade do Karatê. Na hora em que um dos PM se afastou dos colegas, foi atacado por um grupo que participava de um baile funk. Os agressores fugiram sem levar nada. (...) A Polí!ia Militar vinha reprimindo os bailes nas comunidades do Rio até a semana passada, quando uma lei estadual passou a reconhecer o funk como movimento cultural. Com isso, acabaram as regras que dificultavam a realização das festas. (...)“Existe naquele local uma herança de 40, 50 anos de margina!s e traficantes que se apropriaram da venda de drogas naquele local. Isso só reforça nossa tese de se manter lá. Essas pessoas estão procurando retalhar a ação da polícia militar da maneira que podem, mas nós não vamos recuar absolutamente”, disse o secretário estadual de Segurança Pública José Mariano Beltrame.¹⁰

¹⁰ Disponível em: <http://rjtv.globo.com/Jornalismo/RJTV/0,,MUL1320982-9097.00.html>



Mercadológico: a lógica capitalista está presente em vários aspectos quando relacionada ao funk. Como foi supracitado, esse estilo de música gera uma grande receita no país, em especial no Rio de Janeiro. Não é por acaso que diversos jovens e apreciadores do funk querem subir na vida à custa do ritmo. Não é o foco analisar as matérias veiculadas na televisão, mas acredito que valha a pena ser citado o fato da presença constante dos “bondes” em diversos programas de TV durante a Era Funk, em 2000. Praticamente todos os canais da TV aberta veiculavam um baile a parte para os espectadores. Programas foram criados para que o funk tivesse mais espaço no auge de sua fama. O dinheiro gerado pelo ritmo não fica apenas nas favelas cariocas. Classe mais favorecidas e a mídia estão procurando e encontrando meios para garantir o seu lucro. É o caso das mulheres-frutas, que viraram símbolo sexual da noite para o dia, ou o caso de artistas que colocam funk em seus shows, ou de cantores de funk que surgem da noite para o dia e que nada tem a ver com a realidade da favela.

Funk cria vagas e movimenta no Rio R\$ 127 milhões

Rio - O funk carioca ocupou muito espaço nas páginas policiais; depois passou a ganhar destaque nos cadernos de lazer e cultura. Agora é a vez dessa gente bronzada mostrar seu valor para a economia do estado. Uma pesquisa inédita do FGV Opinião — instituto de pesquisas da Fundação Getúlio Vargas — revela que o funk é uma atividade que movimenta milhões de reais por mês — um valor estimado de R\$ 10,607 milhões, total de R\$ 127,285 milhões por ano. Esse número inclui o arrecadado nas bilheterias dos bailes, os cachês das equipes, a venda de CDs e DVDs e os valores recebidos por MCs, DJs, equipes e até mesmo camelôs que trabalham em volta dos clubes. (MOLICA; KORSCH, 2008¹¹)

Da diversão: Funk fora do subúrbio é sinônimo de diversão. Sem necessidade de subir os morros cariocas ou adjacências, a classe média criou seus próprios bailes, com seus próprios DJ e com sua própria seleção de música. Eles não aceitaram o funk, apenas incorporaram algumas características do ritmo a sua realidade. Nas boates, bem diferentes dos bailes, o funk tocado apresenta outra conotação de sentido. As músicas não abordam as questões sociais de seus produtores, mas apelam para a sensualidade e erotismo. É o momento em que homens e mulheres têm de partirem para a paquera, rebolem até o chão a fim de exibirem seus corpos cultuados em academias. O ritmo perde o seu significado, esvazia-se de sentido. Personalidades da mídia que querem

¹¹ Disponível em:

http://odia.terra.com.br/economia/htm/funk_cria_vagas_e_movimenta_no_rio_r_127_milhoes_218511.asp



conhecer o “verdadeiro” funk, não precisam ir até o subúrbio. Elas conhecem o “seu” ritmo de funk, no meio das pessoas de sua classe, que escutam o seu tipo de música e vivem o “seu” estilo de vida.

Mariah Carey vem ao Brasil e quer conhecer um baile funk de verdade. Aproveitando sua passagem pelo Brasil, Mariah Carey quer entender um pouco mais sobre a cultura musical local. A assessoria da cantora ligou para o dono da Furacão 2000, Rômulo Costa, informando que gostaria de conhecer um baile funk. As informações são da coluna Retratos da Vida, do jornal Extra. Ainda de acordo com a coluna, Mariah estará nesta sexta-feira (23) no Caldeirão do Salgueiro, na festa de aniversário de Rômulo Costa. (MARQUES, 2009¹²)

Jogadoras da seleção americana de vôlei dançam até o chão em noite carioca

As jogadoras da seleção americana de vôlei tiveram uma folguinha durante os treinos e aproveitaram para curtir a noite carioca no clube Baronneti, na última quarta-feira, 13. Ao som de muito funk, as meninas reboaram até o chão e gostaram tanto que só deixaram a casa às seis horas manhã¹³.

O funk no luxo

Ocimar Versolato voltou com tudo. A inauguração de sua megaloja, em Ipanema, na noite de terça-feira, foi um prato cheio para os paparazzi. Ricos e famosos se esbaldaram ao som do funk do DJ Marlboro, novo *darling* das pistas europeias. Uma mistura perfeita de gostos e ritmos que embalam classes sociais diferentes. Querem exemplo? A princesa Paola de Orleans e Bragança dançava ao som de Claudinho e Buchecha ao lado de Cynthia Howlett, Lise Grendene, Noélia Chermont de Britto, Leila Schuster e de Monique Vidal, além de Alexandre Pires, não o cantor, mas a famosa *drag* paulista Léa Bastos, *door woman* das boates underground de Sampa. (TOLIPAN¹⁴)

Do preconceito: foi necessária uma votação e intervenção popular e legislativa para que o funk fosse permitido pelas autoridades. O Movimento Funk, agora, é patrimônio cultural do Rio de Janeiro. Um estilo musical apreciado e vivido no país desde os anos 70 foi “aceito” legalmente em setembro de 2009. Não se pode negar que, por ele ser reconhecido como cultura tipicamente brasileira, a forma de tratá-lo e/ou abordá-lo será um tanto diferente, porém, o preconceito continua, como no caso da matéria “Polícia vai proibir bailes funk em locais de maior violência no Rio”, o que causou revolta da por parte da classe funkeira. Mas afinal, o que a sociedade combate: o ritmo ou a violência?

¹² Disponível em: <http://www.cifraclubnews.com.br/noticias/19269-mariah-carey-vem-ao-brasil-quer-conhecer-um-baile-funk-de-verdade.html>

¹³ Disponível em: http://gazetaonline.globo.com/index.php?id=/esportes/volei/materia.php&cd_matia=87997

¹⁴ Disponível em: <http://jbonline.terra.com.br/jb/papel/colunas/gente/2004/10/20/jorcolgen20041020001.html>



O problema é que não se consegue separar esses dois fatores e eles continuam sendo interligados todas as vezes que se julgarem necessário. Como foi dito anteriormente, não é bom que exista um hiper contato entre as diferentes classes sociais.

Funk da polêmica

Após sair dos guetos das comunidades carentes e invadir todo o país, o funk carioca volta a sofrer com a perseguição das autoridades públicas do Rio de Janeiro. Ignorando que os bailes funks movimentam mais de R\$ 10 milhões mensais apenas no Rio de Janeiro, uma lei em vigor nesse Estado exige que os organizadores desses eventos (e também os de música eletrônica) submetam suas festas à autorização prévia da Polícia Civil. A iniciativa leva ao debate de uma questão: deve a polícia apenas garantir a segurança dos bailes ou ela pode decidir sobre a realização ou não de uma atividade cultural?¹⁵

Polícia vai proibir bailes funk em locais de maior violência no Rio PM afirma que só eventos não-autorizados serão coibidos.

Classe funkeira reclama de discriminação com o ritmo.

Neste fim de semana, a Polícia Militar anunciou que pretende fechar o cerco a bailes funk nas áreas de maior violência do Rio, incluindo comunidades com unidades pacificadoras, como Cidade de Deus e Santa Marta. Apesar da decisão, a medida não é exatamente novidade. Desde junho do ano passado, uma lei estadual exige uma série de normas para que os bailes sejam autorizados. Em nota, a polícia afirma que “procura coibir a realização de quaisquer eventos não autorizados, principalmente em que sabidamente ações criminosas são promovidas, como consumo e vendas de drogas, utilização de armas de fogo”. Foi para apurar uma dessas denúncias que uma ação levou policiais ao Morro dos Maçados, em Vila Isabel, na Zona Norte, na noite do último sábado (11). Após a incursão, um tiroteio acabou com três pessoas mortas e seis feridas (UCHÔA, 2009¹⁶).

Do erotismo: é um tema bastante aproveitado pela mídia. Casos de meninas que tiram a roupa em baile funk em troca de dinheiro, de adolescentes que saíram grávidas por participarem dos famosos “trenzinhos”, artistas vinculadas ao funk que posam para revistas masculinas, a exposição dos corpos por meio das roupas decotas das funkeiras, sexo nos bailes funks. Todos esses assuntos são abordados de forma rotineira pelos meios de comunicação. Isso sem falar das músicas que exploram a sensualidade, o ato sexual e o prazer. O funk, quando associado ao erotismo, se reduz a mera pornografia, como se não houvesse outras modalidades, como o funk melody, o charme, o funk consciente etc.

¹⁵ Disponível em: http://gazetaonline.globo.com/index.php?id=/local/a_gazeta/materia.php&cd_matia=485926

¹⁶ Disponível em: <http://g1.globo.com/Noticias/Rio/0,,MUL1227775-5606.00-POLICIA+VAI+PROIBIR+BAILES+FUNK+EM+LOCAIS+DE+MAIOR+VIOLENCIA+NO+RIO.html>



Cléo Cadillac faz funk em homenagem ao 'BBB'
Afilhada de Rita Cadillac, Cléo Cadillac fez um funk em homenagem ao "BBB". É uma brincadeira com as mulheres do programa, sempre bonitas, que saíram do reality e foram direto para a capa das revistas masculinas. "É BBB, sou BBB, é BBB, sou BBB/ Mulher brasileira tipo exportação/ Tem que ser boa e bonita e ter um bundão". Cléo Cadillac é conhecida por ter aumentado o bumbum, que passou de 102 cm para 122 cm, para posar para a revista "Sexy"¹⁷

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Depois de esclarecido os cinco aspectos em que as notícias sobre o funk se relacionam, é possível fazer um paralelo entre as duas realidades, de quem vive do ritmo no morro e quem convive com ele no “asfalto”. O funk, nascido no subúrbio, tem um significado especial para os funkeiros (da favela). É um ritmo musical que promove o lazer e o entretenimento em sua realidade. Diante da falta de infraestrutura e investimento em suas comunidades, esse foi o meio que eles encontraram de se tornarem agentes produtores de sua cultura, já que não tem acesso ao que é “socialmente aceitável”.

Dessa forma, o movimento funk é representado como um código de um grupo social específico que surgiu como alternativa de lazer das comunidades pobres cariocas, e hoje representa muito mais do que diversão. Faz parte da vida e identidade dos moradores da favela e áreas afins. Ele retrata o cotidiano da periferia e possibilita que seus moradores evitem o caminho da marginalidade, além de ser uma oportunidade de trabalho. Diferentemente do que significa para a classe média, que o reduz ao entretenimento. Mas quando chega à classe média, ele passa a ser visto apenas como mais um item de diversão dessa sociedade.

Entretanto, o funk tem sofrido nas “mãos” do jornalismo, em especial o online. O maior pecado desse veículo de comunicação é prezar em demasiado suas características. Um importante exemplo é a instantaneidade, que faz com que seja preciso colocar a informação no “ar” a fim de que o furo jornalístico seja respeitado. O veículo pode até dar a notícia em “primeira mão” e com isso sair à frente de seus concorrentes, contudo

¹⁷ Disponível em:
http://gazetaonline.globo.com/index.php?id=/divirta_se/noticias/musica/materia.php&cd_matia=77745



isso não permite que os jornalistas mergulhem no universo cultural do funk e perceba a importância que o ritmo tem para quem vive dele.

É preciso repensar as representações da violência correlacionando à maneira como tem sido representado o funk e outros assuntos ligados à cultura marginal pela mídia, especialmente aqueles oriundos dos segmentos menos privilegiados da população. Para além do processo de diferenciação que afeta este ritmo, vem a discussão do papel que cada grupo social ocupa dentro da sociedade e a responsabilidade dos meios de comunicação em situá-los (de forma justa) em seus e para outros espaços.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BIANCO, Nelia R. Del. A internet como fator de mudança no jornalismo. Revista Brasileira de Comunicação, Vol XXVII, nº 1. São Paulo, 2004.

HERSCHMANN, Michael. As imagens da galera do funk na imprensa. Disponível em: http://www.mirelaberger.com.br/mirela/download/funk_e_midia2.pdf. Acesso em 04 de abril de 2009.

Gazeta Online. Cléo Cadillac faz funk em homenagem ao 'BBB'. Disponível em: http://gazetaonline.globo.com/index.php?id=/divirta_se/noticias/musica/materia.php&cd_matia=77745. Acesso em 20 de novembro de 2009.

Gazeta Online. Jogadoras da seleção americana de vôlei dançam até o chão em noite carioca. Disponível em: http://gazetaonline.globo.com/index.php?id=/esportes/volei/materia.php&cd_matia=87997. Acesso em 20 de novembro de 2009.

G1. Polícia vai proibir bailes funk em locais de maior violência no Rio. Disponível em: <http://g1.globo.com/Noticias/Rio/0,,MUL1227775-5606,00-POLICIA+VAI+PROIBIR+BAILES+FUNK+EM+LOCAIS+DE+MAIOR+VIOLENCIA+NO+RIO.html>. Acesso em 13 de fevereiro de 2010.

MARQUES, Diego. Mariah Carey vem ao Brasil e quer conhecer um baile funk de verdade. Disponível em: <http://www.cifraclubnews.com.br/noticias/19269-mariah-carey-vem-ao-brasil-quer-conhecer-um-baile-funk-de-verdade.html>. Acesso em 12 de fevereiro de 2010.

MOLICA, Fernanda. KORSCH, Natália Von. Funk cria vagas e movimenta no Rio R\$ 127 milhões. Disponível em:



http://odia.terra.com.br/economia/htm/funk_cria_vagas_e_movimenta_no_rio_r_127_milhoes_218511.asp. Acesso em 20 de novembro de 2009.

PUCCINI, Fabiana. Jornalismo online e prática profissional: Questionamentos sobre a apuração e edição de notícias para web. Disponível em: <http://bocc.ubi.pt/pag/puccinin-fabiana-jornalismo-online-pratica-profissional.html>. Acesso em: 21 de dezembro de 2009.

RJTV. Policial é atacado por participantes de baile funk na Cidade de Deus. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/folha/ilustrada/ult90u492067.shtml>. Acesso em 12 de fevereiro de 2010.

SANTOS, Cristina Oliveira dos. Um estudo sobre a representação do funk no jornalismo online. UFES, Vitória, 2010.

SOUZA, Gustavo de. Culturas Urbanas no documentário brasileiro: funk, hip hop e samba. Disponível em: http://www.cult.ufba.br/enecul2006/gustavo_souza.pdf. Acesso em 03 de março de 2010.

TOLIPAN, Heloísa. O funk no luxo. Disponível em: <http://jbonline.terra.com.br/jb/papel/colunas/gente/2004/10/20/jorcolgen20041020001.html>. Acesso em 20 de novembro de 2009.

ZALUAR, Alba. Condomínio do Diabo. Editora da UFRJ e Revan, Rio de Janeiro, 1994.